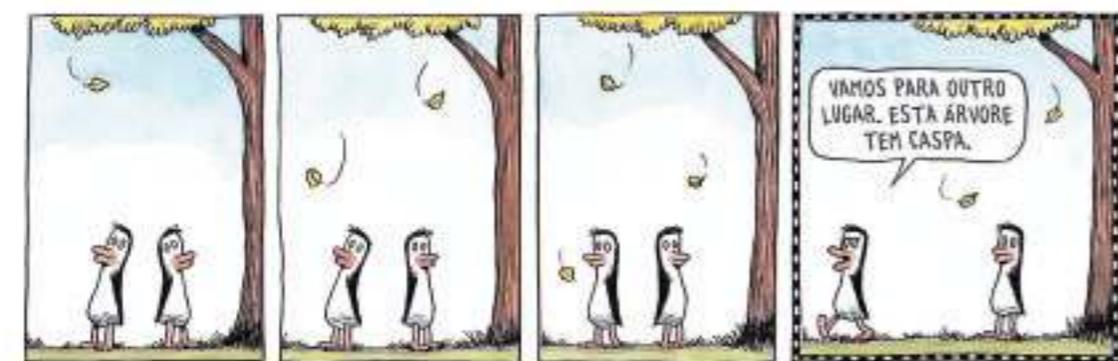


O mundo absurdo e adorável de Liniers

Thaís Britto » thais.britto@oglobo.com.br



Duendes, pingüins e crianças que conversam com animais são personagens de um mundo absurdo e também adorável. Assim é “Macanudo”, cuja coletânea acaba de ganhar sua primeira edição brasileira, pela Zarabatana Books. O homem por trás do lápis é Ricardo Liniers, quadrinista argentino de 35 anos, que se diz feliz e aliviado por ter, finalmente, seu trabalho publicado no Brasil.

— Sempre quis que meus livros saíssem no Brasil. A mãe da minha mulher era brasileira, por isso, tenho família por aí. É ótimo que eles vejam que essa história dos livros é verdadeira e que não sou um vago-bundo! — brinca Liniers.

Seu trabalho pode ser conferido diariamente nas páginas do diário “La Nación”, onde “Macanudo” é publicada desde 2002. Liniers chegou ao jornal pelas mãos da também quadrinista Maitena, que o apresentou “com muito entusiasmo e generosidade”:

— Ela me levou ao jornal e dizia a todos que, se não me contratassem, ia me levar à concorrência. Foi aí que tudo começou. Durante a pior crise do país, comecei a publicar “Macanudo”, que significa algo como “tudo bem”. Depois de todas as notícias ruins, havia uma carícia para o leitor.



A tira é uma sucessão de personagens. Desajustados, misteriosos ou absolutamente inverossímeis, eles servem de veículo para as reflexões do quadrinista. Alguns são mais freqüentes, como Enriqueta e seu gato Fellini, ou Z-25, o robô sensível. Mas isso não impede o surgimento de ocasionais insetos, cachorros e estranhíssimos seres humanos.

— Minhas tiras são experimentos. Algumas funcionam melhor do que outras. Mas gosto que haja vários tipos de humor: absurdo, terno, de observação e negro. Se encontro um personagem que me intriga, sigo desenhando até que não me intrigue mais.

A máxima vale para si próprio. Na série “As verdadeiras aventuras de Liniers”, o quadrinista se coloca na história. Detalhe: ele é um coelho.

— Eu me desenho como coelho pela mesma razão por que as pessoas se sentem à vontade numa festa à fantasia: elas perdem a vergonha. Desenho-me como

um coelho sem-vergonha.

O gosto pela arte começou na infância. Embora quase toda criança desene, os quadrinistas, “por alguma razão misteriosa, nunca se cansam de fazê-lo”, explica Liniers. Mas a possibilidade de viver disso nunca passou pela cabeça dele, que chegou a estudar Direito.

— Não era para mim. Era um cartunista num corpo de advogado — lembra.

Na Argentina, o sexto volume de “Macanudo” já está em produção. Além da tira, ele investe em projetos paralelos, entre eles ilustrações para capas de discos de artistas locais, como Andrés Calamaro e Kevin Johansen. Publicou um livro sobre Andy Warhol (que, vez por outra, vira personagem em “Macanudo”) e ainda “Conejo de viaje”, sobre suas andanças pelo mundo.

No campo das influências, cita figuras inusitadas como Jason e Freddy Kruger, os músicos Bob

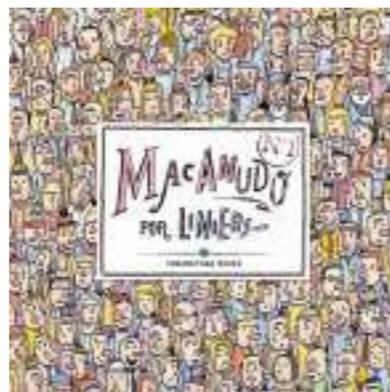
Dylan e Tom Waits, além de quadrinistas como Schulz (“Snoopy”), Quino (“Mafalda”) e Bill Watterson (“Calvin e Haroldo”), claras referências em seu trabalho. O Brasil não está presente apenas no círculo familiar. Ele elege o gaúcho Fabio Zimbres como “um de seus heróis absolutos” e cita Angeli, Adão Iturrugarai e Allan Sieber entre seus quadrinistas brasileiros favoritos.

Já o país ele está louco para conhecer melhor.

— Vou a São Paulo de vez em quando, visitar a avó da minha mulher. Queria muito conhecer o Nordeste.

Há um mês estive no Rio para o casamento de um amigo, e a cidade me impressionou por sua grandiosidade. Mas é possível que minha visão estivesse impactada pela quantidade de caipirinhas que tomei...

O GLOBO NA INTERNET
VÍDEO Veja fotogaleria com quadrinhos de Ricardo Liniers oglobo.com.br/cultura



• LINIERS com as orelhas: “Eu me desenho como um coelho sem-vergonha”, diz

Tiras de humor de ilustrador argentino apadrinhado por Maitena finalmente são editadas por aqui

